

## **A Natureza Humana de Cristo e a da Humanidade Caída- Diferenças e Semelhanças**

*Demóstenes Neves da Silva<sup>1</sup>*

### **Resumo**

O Senhor Jesus é apresentado nas Escrituras como Deus-Homem. Sua natureza é identificada como semelhante à da humanidade caída, mas sem pecado. Neste artigo, se pretende demonstrar que a idéia de “não ter pecado”, aplicada a Jesus, inclui a ausência de “propensão pecaminosa” nele. Sendo sem pecado, o Salvador deveria também possuir qualidades espirituais superiores às da humanidade caída. Trata-se de uma comparação entre Jesus e os seres humanos, na qual dois requisitos são detectados como necessários para Sua missão como Salvador: ser igual a nós em alguns aspectos, e diferentes em outros.

### **Abstract**

The Lord Jesus is introduced in the Scripture simultaneously as God and Man. His nature is identified as similar to fallen humanity but without sin. This article intends to demonstrate that the idea of to have no sin when applied to Jesus include the absence of propensity to sin in him. Because He was without sin, the Savior would also have higher spiritual qualities than the humanity. This work is a comparison between Jesus and human beings in which two requirements are detected as necessary for christ's mission as Savior: be equal to us in some respects and different in others.

### **Introdução**

A compreensão de qual natureza Jesus possuía, tem-se revestido de importância crescente, especialmente nos últimos anos. A Bíblia declara que “o Verbo se fez carne” (Jo 1:14), mas que tipo de carne? Até que ponto foi o comprometimento da natureza humana de Jesus com o pecado? Até que ponto foi semelhante ou dessemelhante dos seres humanos?

---

<sup>1</sup> Demóstenes Neves da Silva, Mestre em Teologia, é professor do SALT/IAENE.

Vários artigos e livros têm sido publicados abordando a questão de qual natureza humana Jesus possuía quando esteve na terra, evidenciando o interesse atual pelo tema. Além disso, é importante rever o ensino bíblico sobre a questão e quais implicações para a fé cristã de se aceitar uma determinada compreensão sobre o tema.

A abordagem neste artigo será feita investigando-se os significados de expressões bíblicas referentes à natureza humana de Cristo, sua missão e a relação com o pecado enquanto ato, experiência e presença na vida de Jesus.

Este artigo é dividido em duas partes principais: na primeira é discutida a extensão da semelhança da natureza humana de Jesus com a da humanidade após o pecado e sua importância para a missão redentora do Salvador. Também serão retomadas algumas definições bíblicas de pecado, dentro dos limites que interessam a este trabalho de modo a ajudar na compreensão da natureza humana de Jesus e sua relação como o fenômeno da Queda. Na segunda e última parte, se procura entender as características da humanidade se Jesus, que, segundo a Escritura, seriam necessárias para que ele pudesse ser sacrifício e sacerdote aceitáveis. O enfoque é identificar o testemunho bíblico, que declara em que a natureza de Cristo era diferente da do ser humano após a Queda.

### **A CONVENIÊNCIA DE SER SEMELHANTE**

O texto de Hebreus 2:5-18 apresenta o porquê Jesus deveria ser plenamente humano. Deus destinou o domínio do mundo futuro (os novos céus e a nova Terra) aos seres humanos redimidos e não a anjos (2:5). Jesus não veio salvar anjos, mas seres humanos (2:16). Jesus, conforme o verso nove desse mesmo capítulo, se tornou menor do que os anjos (não apenas menor do que o Pai). Essa “diminuição” ocorreu para que ele pudesse provar o sofrimento. Sua obra somente seria perfeita (ou completa) através desse sofrimento e morte (v. 10). Hebreus 2:10,17 declara que Jesus participou da carne e do sangue porque assim convinha que fosse. A palavra “convinha” é traduzida de termos gregos diferentes nos versos 10 e 17.

No verso 10, aparece *convinha* ( ἔπρεπεν = *éprepen* = *ser próprio, apropriado, ser adequado*). Já no verso 17, aparece a palavra *convinha* (ὄφειλεν = *ófeilen* = *ser obrigado pelo que é devido ou que é necessário*) seguida da condição de que fosse em tudo semelhante aos irmãos (ὁμοιωτῆναι = *homiotênai* = *ser parecido, assemelhar, ser similar*).<sup>2</sup>

A semelhança de Jesus com nossa humanidade não foi, como o termo grego esclarece, um capricho ou uma condição facultativa. Era uma obrigação, devida e necessária.

Entretanto, ser semelhante, parecido, não é ser igual. A palavra “*similar*”, em inglês (com o sentido de assemelhar), usada pelo Léxico para traduzir ὁμοιωτῆναι = (*homiotênai*) é indicativa de uma igualdade limitada. O dicionário indica o sentido da palavra inglesa (*similar*) que traduz *homoiotênai*: “*Aparentando ou sendo quase o mesmo, embora não exatamente*”. Continua o dicionário: “*Similarity* [palavra inglesa traduzida para o português como “*similaridade*”]. *A condição de ser ou um modo particular de algo ser quase o mesmo.*” Os homens, pelo exemplo do referido dicionário, são similares às mulheres, mas não são fisicamente iguais.<sup>3</sup>

Nossa morte e ressurreição são descritas como semelhantes (ὁμοιώματι = *homoiômati* = *em semelhança*) mas não iguais à morte e ressurreição de Cristo (Rom 6:5). O significado e a dimensão da morte de Jesus foram únicos. É dito, também de Melquisedeque, ser ele feito semelhante ἀφομοιωμένος = *afomoioménos* = *feito semelhante*) ao Filho de Deus (Heb 7:3) e que ele tem um ministério semelhante (ὁμοιότητα) ao de Jesus (Heb 7:15). De fato, vemos que Jesus tem um ministério sacerdotal diferente, a menos que digamos que Jesus é o próprio Melquisedeque. A Bíblia, no entanto, diz que Jesus era Melquisedeque, aquele predito para estabelecer outra ordem sacerdotal. A palavra “*semelhante*” indica que em certos sentidos, Jesus e Melquisedeque se parecem, porém são diferentes em outros. Não são, pois, iguais e nem a mesma pessoa.

---

<sup>2</sup> *Cambridge Dictionary of American English*. Cambridge University Press. UK, 2000. 800. (grifos nossos)

<sup>3</sup> *The analytical Greek Lexicon* (doravante *Léxico*). Zondervan Publishing House. Michigan, USA, 1977 296, 288.

Ainda sobre a questão da semelhança, em Romanos 5:14 é dito que o pecado reinou sobre os que não pecaram à semelhança (ὁμοιωμάτι= homoiómati = em semelhança) do pecado de Adão. Na discussão do apóstolo, o pecado de Adão fez de todos os homens pecadores. Cometido em situação e condições totalmente diferentes da dos pecadores de hoje que já nascem com a natureza propensa para ao pecado. É indicado nas Escrituras que Adão, antes da desobediência, não tinha pecado algum o que obviamente envolvia a propensão para o mal. Adão pecou pelo seu livre-arbítrio. Assim, a justiça única de Jesus também tornou a todos os pecadores (cujo pecado não foi como o de Adão) em justos (Rom 5:12-21).

Caso Jesus viesse em carne pecaminosa *igual* a nós (retirando-se a palavra ‘semelhança’), então, ou ele precisaria de um salvador, estando irremediavelmente perdido (por trazer inerentemente na carne a pecaminosidade comum à humanidade), ou então sua morte teria sido um sacrifício desnecessário, pois a providência que o fez obediente, sendo igual à humanidade, poderia tê-la feito fiel, sem a graça que vem do Calvário.

Se for argumentado que Jesus foi mais “dedicado” do que os seres humanos ao orar e comungar com o Pai, embora tão frágil para pecar quanto qualquer outro, de onde teria vindo tal dedicação e santidade? Dele mesmo? Se a resposta for sim, sua natureza não teria sido igual a da humanidade em tudo, como alguns defendem, pois esta não possui inerentemente tal dedicação e santidade. Então ele tinha algo que ninguém teve. Se Ele se salvou por seus próprios méritos, daí, por que a humanidade não pode, com dedicação, salvar-se por seus próprios méritos, como ensinava Pelágio<sup>4</sup> e tantos têm tentado, em vão? Coloque-se a seguinte hipótese como se fosse verdadeira: Jesus era totalmente igual a nós em sua natureza interior e não precisou de Salvador algum para agradar a Deus.

---

<sup>4</sup> Pelágio foi um monge inglês, possivelmente de origem irlandesa. Esteve em Roma no ano 400 AD. Sua doutrina consistia em que Deus dá ao homem, como igualmente dera a Adão, poder natural para viver sem cometer pecado algum, bastaria às pessoas exercerem esse poder. Esse ensino levaria ao perfeccionismo e ao conflito com os ensinamentos diretos da Escritura sobre a salvação pela graça. Ver BETTENSÓN, Henry. *Documentos da igreja cristã*. ASTE, São Paulo, 1963. 87-90. Para uma abordagem histórica da controvérsia sobre as crenças de Pelágio ver: SCHAFF, Philip. *History of the Christian Church*. Vol. III. Grand Rapids, Michigan, USA. WM. B. Eerdmans

Por que um ser humano, com natureza igual a de Jesus, não pode fazer o mesmo sem um salvador (sem Jesus)? O Evangelho, porém, declara, repetidamente, que a salvação é concedida gratuitamente sem as obras da lei. Ninguém pode salvar-se por si próprio devido a estar morto em ofensas e pecados. Jesus foi diferente por não ter pecado algum e não somente por não cometer pecado. Assim, a carne pecaminosa de Jesus é “semelhante” a nossa, não é igual.

Além do mais, se houvesse a intenção da Escritura em demonstrar a igualdade pecaminosa em natureza e propensão para o pecado, a palavra apropriada seria outra. Em lugar de “semelhança” a Escritura registraria “igual” (ἴσος = *isos*) como ocorre em João 5:18 ao destacar a igualdade de Jesus com o Pai ou em Filipenses 2:6,7 onde a palavra “igual” (ἴσος = *isos*) é utilizada na comparação entre Jesus e Deus (v. 6) e a expressão “em semelhança” (ὁμοιώματι = *homoiómati*) é usada para a comparação entre Jesus e o resto da humanidade (v.7). Era, portanto, obrigatória a semelhança com a humanidade pecadora mas isso não significava igualdade.<sup>5</sup>

### **A Diferença entre Jesus e a Humanidade a Partir do Conceito de Pecado**

Não se discutirá aqui se foi o ato de pecar dos nossos primeiros pais que os separou de Deus, ou se foi a separação no íntimo que os levou a cometer o ato de pecar, produzindo o ciclo vicioso no qual vivemos: pecamos (ato) por sermos pecadores (separados de Deus) e vice-versa. O fato é que uma nova dimensão do pecado, a propensão para o mal, se estabeleceu como consequência do pecado inicial. O ser humano não mais havia propensão interior para pecar como é demonstrado pela Escritura haver hoje. O pecado procede de dentro do homem (Mat. 5:28; 12:34; 15:18-19). O pecado é mais do que um ato, uma vez que, na presente realidade, ele tornou-se uma condição natural humana que se faz presente na propensão para pecar.

---

<sup>5</sup> Para uma abordagem concisa sobre a palavra “semelhança” em grego e sua correspondência em inglês leia-se VINE, W. E. *A Comprehensive Dictionary of the Original Greek Words with their Precise Meanings for the English Readers*. MacDonald Publishing Company. Virginia, USA, s/d. 682-685.

### No Antigo Testamento

No Salmo 51:1 a Escritura declara que em “iniquidade” (יָוֹן = *avon* = *perversidade, depravação, iniquidade, culpa de condição, consequência de ou punição por iniquidade*) o ser humano (retratado na experiência de Davi) é gerado (formado no ventre) e em “pecado” חַטָּאת = *hêthã* = *ofensa, culpa pelo pecado, punição*) é concebido pela mãe.<sup>6</sup>

A palavra *ãvõn* é usada em Êxodo 20:5; 34:7; Números 14:18 e Deuteronômio 5:9 quando Deus diz que vai visitar a iniquidade (*ãvõn*) dos pais sobre os filhos, os quais, evidentemente, perpetuam a perversidade e depravação dos pais. A morte (que é resultante do pecado), de acordo também com o pensamento do apóstolo, corroborando a idéia acima, “passou” a todos os homens, assim, todos pecaram (Rom 5:12). Portanto, o pecado aqui não é identificado apenas como um ato que alguém comete, mas como uma inescapável situação de corrupção e perversidade na qual o ser humano vive e que é transmissível aos descendentes.

### Segundo o Apóstolo Paulo

Para demonstrar essa escravidão, Romanos 3:9-18 declara que todos estão debaixo (υπο = *hupó* = *nas mãos de, sob a autoridade de*) do pecado. Não é uma questão opcional, é um cativo. Essa não é uma situação da qual se conhece exceção: “todos” pecaram (Rom 5:12).

Ainda sobre o pecado como condição e propensão depravada para pecar, confessa o próprio apóstolo, em Romanos 7:14-25, declarando: “eu sou carnal” (v. 14). O termo grego para “carnal” é σαρκινός (*sarkinós*) que significa estar “sujeito à propensão da carne”,<sup>7</sup> demonstrando que a propensão para pecar é, em si, evidência de pecado como condição. Essa propensão carnal é contrária à lei de Deus que é “santa, justa e boa” (v. 12) e espiritual (v. 14). Os versos 13-25 explanam *sarkinós* como uma condição que está presente, um

<sup>6</sup> O significado das palavras hebraicas *ãvõn e hêthã* no Salmo 51:5 e Êxodo 20:5 foi retirado de BUSHELL, Michael S. *Bible Work for Windows*, USA, 1996.

<sup>7</sup> *Léxico*, 417.

<sup>8</sup> *Ibidem*, 364.

drama ainda por ser resolvido na vida do apóstolo. Não cabe aqui especular que Paulo não era convertido ou coisa parecida. Além disso, o apóstolo fala do “pecado na minha carne”, pecado “que habita (οἰκοῦσα = *oikoúsa* = *morada familiar; que permanece*)<sup>9</sup> em mim”. Como está explícito, o pecado ao qual se refere não é o que ele está fazendo, aqui é algo que “está” nele e dele faz parte.

Aliás, a própria palavra “pecado” (ἁμαρτία = *hamartia*) em Romanos 7 tem o sentido de “princípio ou causa do pecado”.<sup>10</sup> Nos versos 17 e 20 o sentido explícito é de “inclinação para pecar, propensão pecaminosa”.<sup>11</sup> Mesmo convertido, salvo em Cristo, o apóstolo, reconhecia-se como pecador por causa dessa propensão carnal que nele habitava. Não um praticante contumaz do pecado, mas alguém cuja natureza pecaminosa, corrompida, ainda não havia sido retirada, o que ocorreria apenas por ocasião da ressurreição dos justos na volta do Senhor (I Cor 15:49-54; I Tess. 4:13-17).

O pecado também não é tratado como atos individuais em Gálatas 3.22. Sem escolha por parte das pessoas, o evangelho encerrou (συνέκλεισεν = *sunekleisen* = *prender junto como peixes numa rede*, “fechar junto, cercar”)<sup>12</sup> toda a humanidade (πάντα = *panta* = *todas as pessoas*)<sup>13</sup> debaixo (ὑπό = *hupó* = “sob, nas mãos de”) do pecado. Assim, todos os que nascem neste mundo são pecadores.

Por que, então, Cristo Jesus não era pecador? Mesmo que, por um milagre divino, Jesus não cometesse nenhum pecado enquanto ato, seria pecador pelo simples fato de ter propensão para pecar (ainda que refreada pelo poder do Alto). Teria o pecado da depravação *natural* por ser igual a nós.

---

<sup>9</sup> *Ibidem*, 285.

<sup>10</sup> *Ibidem*, 17.

<sup>11</sup> *Ibidem*.

<sup>12</sup> Aoristo de συγκλείω. *Ibidem*, 388, 380.

<sup>13</sup> *Ibidem*, 311.

Depravação inerente não é o mesmo que assumir o nosso pecado na cruz. Ali Jesus foi feito pecado como substituto. Se tivesse propensão para o mal o pecado estaria em sua carne. Por outro lado, somente seria totalmente igual a nós, enquanto pecadores, se possuísse tal propensão ou depravação natural para pecar. Isso é negado no Evangelho quando o Salvador declara que “o príncipe deste mundo *nada tem em mim*” (Jo. 14:30). Ele não tinha pecado algum, de espécie alguma. Ele não era igual a nós, mas “semelhante” ou em outras palavras: era igual a nós em tudo, mas diferente em uma coisa – o pecado como ato e condição que se manifesta na propensão para o pecado. Portanto, Jesus não tinha pecado, assim também não tinha propensão para pecar, pois a propensão, em si, implica numa condição pecaminosa.

### Segundo o Apóstolo João

O pensamento do pecado como condição da humanidade, incluindo os crentes, é afirmado em I João de várias formas. No capítulo um verso oito o apóstolo condena os que dizem não ter pecado em suas vidas, classificando-os com auto-enganadores e desprovidos da verdade. A Escritura declara que mentimos.<sup>14</sup> O pecado não é o que se faz apenas, é algo que se “tem”, é parte de nós. Isso fica mais claro quando lemos em I João 1:10 que também não podemos negar o ato de “cometer” pecado. Uma outra dimensão do pecado reconhecida nessa passagem, além da condição ou propensão, é o ato. Se dissermos que “não temos cometido pecado”, (οὐχ ἡμαρτήκαμεν = *ouk hemartékamen* = *não temos cometido pecado*), diz o apóstolo, além de dizermos que Deus é mentiroso demonstramos que sua palavra não está em nós.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> O termo ἔχομεν encontra-se na 1ª. pessoa do plural do presente do indicativo do verbo ἔχω = *ékho* = “ter, ser afetado por, sujeito a” (Ibidem, 179, 180). A conclusão, no contexto da passagem, é que ninguém escapou de ter pecado. Em João 1:8 está escrito: Ἐὰν εἴπωμεν ὅτι ἁμαρτίνα οὐκ ἔχομεν (“Se dissermos que não temos pecado nenhum”). A frase, em sua continuação afirma que ninguém pode sugerir que não tem pecado sob pena de estar enganando a si mesmo e ser mentiroso.

<sup>15</sup> Ibidem, 187. Em I João 1:10 está escrito: Ἐὰν εἴπωμεν ὅτι οὐχ ἡμαρτήκαμεν (“Se dissermos que não temos cometido pecado”). A palavra *hemartékamen* (não temos cometido pecado) está na primeira pessoa do plural do



Em I João 2:1-2 é dito que pecamos e precisamos de advogado, apesar de sermos filhos de Deus. A epístola dirige-se aos crentes, não a incrédulos, e por isso usa o termo “filhinhos” (τέκνα = *tekna* = *filhinhos*), termo carinhoso para os irmãos na fé. Não é feita nenhuma exceção à possibilidade de pecar: “Se alguém” (Τις = *tis* = *pronome indefinido*)<sup>16</sup>, isto é, qualquer um pecar, temos Advogado. Aqui os pecados de duas classes estão em pauta: (a) os nossos (da igreja, da irmandade) e (b) os do mundos todo (os de fora da igreja). Portanto, o pecado ato e condição ainda que controlados pelo Espírito continuam presentes na realidade da igreja que é santificada pela intercessão do Senhor até que Ele volte.

Lamentavelmente, alguns têm usado o texto de I João 3:6 onde a expressão “não perca”, que aparece em algumas traduções, tem sido entendida como querendo dizer que o cristão não comete pecado algum. Isto, como vimos, contraria o ensino básico da Escritura e conduz ao pensamento antibíblico do perfeccionismo. Trata-se de um problema de tradução. A expressão “não peca”, conforme a gramática grega (οὐχ ἁμαρτάνει = *ouk hamartanei* = *não vive pecando*) encontra-se na terceira pessoa do singular do presente do indicativo ativo (indica uma ação continuada).<sup>17</sup> Portanto a tradução correta de 3:16 “não vive pecando” se harmoniza perfeitamente com 1:8, 10 e 2:1-2 bem como com o restante da Bíblia. A tradução “não perca” é uma base falsa para os que alegam a perfeição sem pecado para os convertidos.

O mesmo ocorre com I João 3:9: (ἁμαρτίαν οὐ ποιεῖ = *hamartian ou piei* = *não vive pecando*) onde o verbo “poiei” (ποιεῖ) está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo ativo – que também indica uma ação continuada).<sup>18</sup> Uma melhor tradução seria: “Não vive na prática do pecado”, em vez de “não peca”. O apóstolo não deixa dúvidas e insiste em I João 5:16 que se alguém vir *seu irmão* cometer pecado que não é para a morte, peça pelo seu irmão.

Mesmo os cristãos são vulneráveis à prática do pecado, mas essa prática é apenas o sintoma, a doença, realmente, é a mórbida propensão para pecar, a qual caracteriza a condição pecaminosa.

Alegar que Jesus não pecou, mas tinha propensão para o perfeito do indicativo, indicando todos os crentes, entre os quais inclui-se o próprio apóstolo.

<sup>16</sup> *Ibidem*, 406.

<sup>17</sup> *Ibidem*, 17.

<sup>18</sup> *Ibidem*, 332.

pecado é, segundo o Evangelho, defendê-lo dos sintomas mas atribuir-lhe a doença. Sua santidade seria apenas uma aparência, um verniz de superfície. A Bíblia nega tal pensamento. A Escritura declara que nele, diferente dos outros seres humanos e mesmo dos crentes, quando em carne nesta Terra, não havia pecado algum que o separasse da glória do Pai (João 1:14). Mas da humanidade, é dito em Romanos 3:23, que todos pecaram e carecem da glória de Deus.

### Descrições Bíblicas da Impecabilidade de Cristo

Pode-se resumir a idéia bíblica sobre a impecabilidade de Jesus com os textos que se seguem. São três afirmativas com dimensões diferentes com respeito à relação de Cristo com o pecado:

1. O apóstolo Pedro declara que Jesus foi isento de ações pecaminosas. O texto de I Pedro 2:22 declara que ele *não cometeu* pecado (οὐκ ἐποίησεν = *ouk epoiesen* = *não cometeu, não praticou*)
2. O apóstolo Paulo informa-nos que o Senhor não teve *experiências* pecaminosas. Em II Coríntios 5:21 é dito que o Salvador *não conheceu* o pecado (μη γνόvτα = *me gnota* = *não conheceu, não experimentou*)
3. Finalmente, através de João, é dito que nele *não existe* pecado, o que exclui a *presença* do pecado da vida de Jesus (I João 3:5 – οὐκ ἔστιν = *ouk éstin* = *não há, não existe*)

Assim, mais uma vez, podemos notar que o pecado não se constitui apenas de ações e experiências. Pecado tem dimensões mais profundas. Pecado é a condição interior caída que se constitui na propensão para pecar. Jesus não possuía nenhuma das três dimensões. Ele era “igual” (semelhante) à humanidade em tudo, mas não havia nele pecado algum.

Concluimos que era necessário que Jesus, como Salvador, fosse como nós, porém nessa semelhança não está incluído o pecado em nenhuma de suas dimensões. Isso descarta não apenas os atos, mas também a natureza pecaminosa. Embora redundante, diríamos: Jesus não era pecador por não possuir, também, propensão pecaminosa alguma e não tinha propensão alguma para o pecado porque não era pecador. Ele era semelhante em tudo, mas diferente de nós quanto à presença do pecado em sua humanidade.

## A CONVENIÊNCIA DE SER DIFERENTE

Tendo já visto as semelhanças, passemos às diferenças entre o Salvador e a humanidade. Em Hebreus 4:15 é dito que, apesar de ter sido tentado em todas as coisas a nossa semelhança ele foi diferente em não pecar (ομοιότητα χωρὶς αμαρτίας = *homoióteta korís hamartias* = *à nossa semelhança mas sem pecado*). A palavra sem (korís) significa “separado, à parte de” e, especialmente na passagem em questão, significa “com a exceção de” pecado.<sup>19</sup>

Alguns têm tentado argumentar que Jesus teria pecado em algum sentido, pois somente assim ele poderia “compadecer-se” de nossas fraquezas. Mas a própria epístola de Hebreus refuta essa hipótese várias vezes. Uma das razões é que no caso do capítulo 4 verso 15 o assunto central não é igualdade conosco nas fraquezas, mas na sua capacidade de socorrer.<sup>20</sup> O “compadecer-se” (συμπαθεῖσαι = *sumpatêsai* = *simpatizar com, sofrer com, ter compaixão*)<sup>21</sup> não indica que ele têm as mesmas fraquezas, mas que delas se compadece pois sabe o que é ser tentado. Neste verso propositadamente o autor apresenta uma “similaridade” (tentado em todas as coisas à nossa semelhança) e uma “distinção” (sem pecado) desviando-se, assim, da idéia de igualdade.<sup>22</sup>

### Adequado se fosse diferente dos seres humanos

A carta aos Hebreus (7: 26-28) vai mais além. Ali é dito que essa “diferença” convinha para que fosse sacrifício e sacerdote. No verso 26 a palavra “convinha” (ἔπρεπεν = *éprepen*) tem o sentido de “apropriado, adequado”<sup>23</sup> e é a mesma de 2:10.

<sup>19</sup> *Ibidem*, 440,441.

<sup>20</sup> LANE, William L. *Word Biblical Commentary* (WBC). Vol 47b. Word Books Publishers, Dallas, Texas, USA, 1991. 114,115.

<sup>21</sup> Infinitivo aoristo de συμπαθέω (*sumpatéw* = *compadecer*). *Léxico*, 383.

<sup>22</sup> WBC, Vol. 47a. 115.

<sup>23</sup> ἔπρεπεν (*éprepen* = *convinha*)–3ª. Pessoa do singular do imperfeito do verbo πρέπει (*prépei* = *convir*) “ser próprio, adequado, ser correto”. *Léxico*, 164, 340.

No caso de Hebreus 7:26-28 as passagens indicam que Jesus somente seria um sacerdote adequado, que preencheria as condições para sua missão, se fosse “diferente” de nós, ou seja, santo, assim como em 2:10 era “apropriado” que fosse “semelhante”. As duas “adequações” ou “conveniências” se encontram: ser “semelhante” (2:10) e ser “diferente” (7: 26-28). A palavra usada em 7:26 não é santo (ἅγιος = *hágios*) com o sentido apenas de “algo separado de uma condição e uso comum, dedicado”.<sup>24</sup> A santidade mencionada em Hebreus relativa a Jesus não decorre de uma simples “separação” para fins santos. Não é uma santidade “funcional”, emprestada, outorgada. A palavra (ῥσιος = *hosios*) aparece uma só vez em Hebreus (7:26) referindo-se apenas a Jesus e tem o mesmo significado empregado em Apocalipse 15:4 e 16:5 onde é aplicada a Deus. O significado em Hebreus 7:26 é “supremamente santo”. Também em Atos 2:27 e 13:35 do Messias é dito ser santo (*hosios*).<sup>25</sup> A outra palavra usada exclusivamente para Jesus em Hebreus que “denota sua qualificação moral” para ser sumo-sacerdote<sup>26</sup> é “inculpável” (ἄκακος = *ákakos* = inculpável, puro, inocente) que também aparece em Hebreus somente nesta passagem para descrever a diferença entre Jesus e nós. “Isso não significa que Jesus era inculpável em seu relacionamento com outras pessoas, mas que ele não foi atingido pelo mal”.<sup>27</sup> O termo “sem mácula” (ἀμίαντος = *amiantos*) está apenas aqui em 7:26-28 e em Heb 13:4 (o leito matrimonial ideal sem mácula). No que diz respeito a Jesus, o Salvador era “sem mácula” em si mesmo, diferentemente dos outros seres humanos cuja pureza é imputada pela fé. Os três adjetivos descrevem o “caráter pessoal” de Jesus e sua “perfeição moral e espiritual”.<sup>28</sup>

<sup>24</sup> *Léxico*, 3

<sup>25</sup> *Ibidem*, 293. Essa palavra tem também o sentido de devotado, fiel e na LXX descreve os que são fiéis ao concerto. Jesus é o modelo dessa fidelidade quando na

<sup>26</sup> *WBC*, Vol. 47b, 191.

<sup>27</sup> *Ibidem*, 191, 192.

<sup>28</sup> *Ibidem*.

### **Separado dos pecadores**

A palavra separado (κεχωρισμένος = *kekorisménos*) dos pecadores, aparece também em Filemon 15 com ênfase geográfica. Assim, Hebreus 7:26 estaria dizendo que Jesus, devido ao sucesso de sua obra redentora e para exercer o sacerdócio, foi separado dos pecadores ao subir ao céu.

Ser recebido no céu, sem precisar de sacrifício por si mesmo (27) é mais uma confirmação de ser ele o Salvador adequado (além de ser santo, inculpável e sem mácula). Além do mais, a palavra “separado” tem o sentido de alguém que se mantém afastado e não participa de certas coisas por se achar ou ser superior.<sup>29</sup> Em decorrência disso, duas interpretações se tornam possíveis: (a) separado por ser retirado do convívio dos pecadores para perto do Pai, o que lhe favorece o ofício e (b) por não compartilhar da natureza dos pecadores o que o torna aceitável diante de Deus. As duas idéias estão presentes.<sup>30</sup> De qualquer forma, ele somente teria se tornado sacerdote e sacrifício aceitável se não tivesse necessidade de oferecer sacrifícios “por seus próprios pecados” (Heb. 7:27). Assim Jesus não partilhou da condição de pecado uma vez que era “conveniente” (v. 26) que fosse “santo” e separado dos pecadores.

### **Feito mais alto que os céus**

O termo feito (γενομένος = *genoménos* = tornado, feito) significa que ele foi “apontado, constituído ou estabelecido”<sup>31</sup> para estar em um lugar especial. Esse lugar é descrito como mais alto (υψηλότερος = *hupseloteros*) que os céus, uma possível referência à posição “à direita do Pai”. Essa expressão é também um termo exclusivo par Jesus em Hebreus. O significado é da “exaltação, dignidade, eminência”. Também tem o sentido de “mais exaltado, mais elevado”.<sup>32</sup>

<sup>29</sup> *Léxico*, 441.

<sup>30</sup> *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Review and Herald Publishing Association, Washigton, D.C, USA, 1957. Vol. 7.442. *WBC*, 192.

<sup>31</sup> *Léxico*, 78, 79.

<sup>32</sup> *Ibidem*, 420, 421.

A questão é que, por sua própria natureza santa, Jesus se tornou apto para ser nosso sacerdote e sacrifício e tendo consumado sua obra, e, por seus próprios méritos, foi exaltado acima dos céus. Essa exaltação é considerada uma qualidade necessária para ser nosso sacerdote. A ausência de pecado em Jesus e sua exaltação são colocados pelo autor de Hebreus, como demonstrando que o Salvador era diferente de qualquer ser humano, mesmo os que poderiam ser considerados os melhores, como os sumo-sacerdotes levitas. Essa diferença era “conveniente” para nós.

As descrições do capítulo 7:26 apresentam suas qualidades e elevação ao céu. O verso 27 declara que as qualidades do verso 26 se estendem ao tempo em que ele (Jesus) se ofereceu no calvário. O pronome relativo “que” (ὅς = *hos* = *o qual, quem*) indica que aquele “santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus” do verso 26 é o mesmo que ofereceu-se em sacrifício perfeito (verso 27). As qualidades do verso 26 são estendidas ao tempo da cruz no verso 27. Isso não é novidade, pois na mesma epístola aos Hebreus, capítulo 1:2 e 3, a experiência de Jesus, quando na Terra, é descrita como sendo “o resplendor da glória e a expressão exata do seu ser” (do Pai), isso para não citar outras partes do NT. Desse modo Jesus é, já na Terra, no meio dos homens, diferente, pois de nenhum homem, por sua própria natureza, com no caso de Cristo, se pode dizer que era santo, inculpável e sem mácula a ponto de, separado dos pecadores, merecer ser exaltado acima dos céus.

As semelhanças e diferenças entre Jesus e os pecadores são ressaltadas também no verso 28, como em 4:15 de Hebreus. O apóstolo, no verso 28, faz o contraste entre os homens e Cristo. Os homens e Jesus compartilham das mesmas fraquezas, pois o Salvador veio sob as limitações que o pecado impôs. Mas essas fragilidades têm o limite onde começa a semelhança e onde inicia a diferença. O capítulo quatro verso 15 estabelece a semelhança declarando primeiro que Jesus “entende” as nossas fraquezas, e segundo, que ele “em todas as coisas foi tentado. A palavra “semelhança” é muito importante, pois é a partir dela que o autor de Hebreus enfatiza a diferença com a expressão “mas sem pecado”.

Deve-se também destacar que o ser tentado em todas as coisas não requer necessariamente possuir propensão para o pecado, pois a Escritura declara que tanto anjos no céu como os primeiros pais no Éden foram tentados e pecaram sem possuir qualquer propensão.

### **Não possuía fraquezas, era perfeito**

O capítulo 7:28 deixa claro que esse ponto relativo à diferença entre Cristo e a humanidade. Nesse versículo todo homem (ἄνθρωπος = anthropos = humanidade, gênero humano) é sujeito à fraqueza (ἀσθένεια = asténeia). Tal fraqueza, segundo o verso 28, refere-se à situação em pecado na qual encontra-se a humanidade, indicando metaforicamente “enfermidade, fragilidade, imperfeição, intelectual e moral”.<sup>33</sup> O contraste também aparece quando o autor de Hebreus diz que os sacerdotes humanos, da própria tribo escolhida eram, apesar de tudo, menos ἄνθρωποι (homens) mas somente Jesus, o novo sacerdote, era “filho” (υἱός = huiós = o filho) que não tinha “fraquezas” e era “perfeito”. Embora também homem, seu diferencial era ser “o Filho”.<sup>34</sup>

Ainda no capítulo 7:28, vemos um sentido mais além do de 4:15 ao se declarar a diferença entre a humanidade e Jesus. Neste verso (28) Jesus não possui as fraquezas da humanidade, pois Ele é constituído pela palavra do juramento (dias de Davi) que vem depois da lei levítica (dias de Moisés). Os homens constituídos sumo sacerdote pela lei levítica (dias de Moisés). Os homens constituídos sumo sacerdotes pela lei possuem fraquezas, mas o Filho que foi constituído sumo sacerdote pelo juramento, desde antes de sua ascensão ao céu, é dito ser perfeito (τετελειωμένον = *teteleioménon*). A palavra “perfeito”, neste caso pode ter também dois sentidos: (a) “ser tornado” ou apenas (b) “identificado” como perfeito. O sentido de perfeição também pode ser o de (a) “consumação, finalização de um ato”<sup>35</sup> ou de (b) “aperfeiçoar, antecipar a plenitude final”.<sup>36</sup> Assim, em 7:28 duas interpretações são possíveis: (a) alguém que alcança a plenitude ou (b) completa uma tarefa. Alguns comentaristas crêem que Jesus estaria sendo aperfeiçoado para ser nosso Salvador ao passar pelo sofrimento, pois essa era uma experiência necessária em sua obra redentora. Outros entendem que Jesus foi feito perfeito ao Salvador, o que ocorreu em sua morte e na sua exaltação.<sup>37</sup>

---

<sup>33</sup> *Ibidem*, 55.

<sup>34</sup> *WBC*, Vol. 47ba 194.

<sup>35</sup> *Léxico*, 400.

<sup>36</sup> *Ibidem*, 401.

<sup>37</sup> *WBC*, Vol. 47<sup>a</sup>, 195.,

De qualquer forma, a declaração de perfeição que o separa dos pecadores que têm fraquezas, não foi uma avaliação que Jesus mereceu apenas depois que foi “aprovado” por passar num teste que averiguou sua “perfeição”. Essa constatação de perfeição em Cristo não passa a vigorar a partir de sua ascensão, mas uma vez que o sacerdote e o sacrifício são um só, a perfeição é, antecipadamente, identificada no ato do juramento (dias de Davi) e é demonstrada já no seu sacrifício perfeito (quando ainda na Terra), uma vez que não precisaria sacrificar por si mesmo, como era feito pelos sacerdotes humanos (versos 27,28).

Embora a perfeição, aqui em 7:28, para alguns, seja a consumação perfeita da obra redentora, essa tarefa não seria possível se Ele possuísse as limitações dos sacerdotes “sujeitos à fraqueza”. O verso 28 confronta a fraqueza (*ἀσθένεια* = *asthénia*)<sup>38</sup> dos pecadores, suas necessidades de expiação por pecados pessoais (v. 27). Desse modo, o Senhor é reconhecido como tendo tido, já na Terra, uma vida perfeita ao ser recebido no céu com sumo-sacerdote.<sup>39</sup>

A análise anterior também esclarece o texto de Hebreus 2:10 onde o verbo “aperfeiçoar” (*τελειῶσαι* = *teleiôsai* = alcançar um fim, consumir, ato final) é usado para descrever Cristo como sendo aperfeiçoado pelo sofrimento. O texto não se refere à perfeição pessoal de Jesus de quem é dito ser perfeito, afinal ele é identificado, como já foi dito, como a “expressão exata” do Pai, revelada na Terra (1:2,3).

Confirmando a idéia apresentada anteriormente, os judeus, quando traduziram “aperfeiçoar” (*teleiôsai*) do hebraico para o grego, no Pentateuco da Septuaginta, usaram esse termo “para indicar o ato de consagração do sacerdote ao seu ofício”.<sup>40</sup>

<sup>38</sup> “Nesse contexto o termo *ἀσθένεια*- “fraqueza” é praticamente igual a ‘pecado’.” *WBC*, Vol. 47a, 197.

<sup>39</sup> “A perfeição do seu sacrifício definitivo foi consequência da perfeição espiritual e moral de sua vida.” *WBC*, Vol. 47a, 197.

<sup>40</sup> *WBC*, Vol. 47a. 57, 58. As passagens na Septuaginta (LXX) nas quais “aperfeiçoar” (*teleiôsai*) é usado em sentido de consagração do sacerdote ao seu ofício são: Êxodo 29:9,29, 33,35; Levítico 4:5; 8:33; 16:32; 21:10; Números 3:3).



A epístola aos Hebreus está falando de um tema recorrente no Pentateuco que é a consagração do sacerdote. Portanto, “aperfeiçoar”, nesse caso, mais uma vez desvia-se do sentido de fazer Jesus “crescer em perfeição espiritual” e inclina-se para “o ato de consagração ao seu ofício sacerdotal”, através do sofrimento em favor dos pecadores.

### **O significado de ser sem mácula aplicado a Cristo e à igreja**

Ainda, em Heb 9:14, Jesus é “sem mácula” (ἄμωμον = *ámomon*) e em I Pedro 1:19 ele é o Cordeiro com dupla recomendação “sem defeito” (ἄμώμου) e “sem mácula” (ἄσπιλον = *áspilon* = puro, sem mancha, sem defeito). Aliás, o termo *ámomon*, tanto na Septuaginta como em fontes judaicas helenistas, “denota a ausência de defeitos num animal para sacrifício”. Jesus, por suas qualidades inerentes, foi o sacrifício perfeito.

Portanto, a expressão “sem mácula” (*ámomon*), se considerarmos o contexto de Cristo como sacrifício diante de Deus pelos pecados da humanidade, requer perfeição que nenhum ser humano, em qualquer das anteriormente mencionadas dimensões pecaminosas, poderia possuir. Isso implica em que, se o Salvador possuísse qualquer dessas dimensões de pecado (ato, experiência ou propensão para pecar) seria inadequado para ser sacrifício e sacerdote. Contudo, é diferente quando o termo é usado para os crentes. Por exemplo, o apóstolo declara que Cristo purifica a igreja para apresentá-la sem mácula e sem defeito, mas essa pureza da igreja decorre da justificação pela fé e do conseqüente processo de santificação (Ef. 5: 25-27). Também o resultado da salvação encontra-se em Apocalipse 14:5, onde a igreja é representada como sendo sem mácula. O próprio texto esclarece que esta ausência de mácula é o resultado de terem sido “redimidos” e de não terem se “contaminado” (ἐμολύνθησαν = contaminar moralmente)<sup>41</sup> com as “mulheres” (v.4).

<sup>41</sup> A palavra ἐμολύνθησαν é a 3ª. Pessoa do plural do indicativo passivo do aoristo 1 do verbo Μολύνω (*molino* = sujar, profanar) *Léxico*, 135, 272. Essa contaminação não é uma referência a intercurso sexual com mulheres literais, mas ao comprometimento dos crentes em geral, e não apenas aos do sexo masculino, com a “prostituta e suas filhas” referidas no Apocalipse – uma alusão aos enganos dos últimos dias.

Assim, a perfeição dos crentes é obra do plano da redenção, que considera perfeito pela fé ao que crê em Jesus e o santifica e aperfeiçoa. Essa idéia do ideal da perfeição para a igreja encontra-se em várias passagens (Deut. 18:13; Mat 5:48), mas é preciso lembrar que a perfeição do crente é atribuída a uma imputação, como na frase “perfeitos em Cristo” (Col. 1:28 e 2:10). Jesus, no entanto, é diferente no sentido de que sua natureza sem mácula e perfeita não decorre de ser redimido, nem é uma perfeição imputada. Ele é perfeito em si mesmo.

### **Conclusão**

Conforme o testemunho das Escrituras, pecado não é somente uma ação má, contrária à vontade de Deus. A queda do homem trouxe a compreensão de mais uma dimensão do pecado como separação provocada pela condição pecaminosa herdada. Essa condição caída e que exige um Salvador, se manifesta através das propensões pecaminosas.

Assim, Jesus possuía uma natureza humana semelhante a do homem caído, mas sem pecado em todas as suas dimensões. Isso implica em dizer que Sua natureza não pode ser exatamente classificada nem como pré-lapsariana<sup>42</sup> e nem pós-lapsariana.<sup>43</sup> Sua natureza era única, apropriada para ser Salvador.

Jesus herdou tudo que nós herdamos, menos o pecado. Ele não recebeu a herança do pecado através da presença daquele em sua vida (I Jo 3:5), nem pela experiência (II Cor. 5:21) e nem sequer pelo ato pecaminoso (I Ped. 2:22).

Ele deveria ser igual a nós para ser nosso exemplo, e isso era obrigado, indispensável (Heb. 2:17). Por outro lado, era conveniente, para ser um salvador adequado, apropriado, que fosse diferente: santo, sem mácula e sem culpa (Heb. 7:26-28). O significado dos termos usados para a impecabilidade de Jesus e o contexto da epístola aos Hebreus não deixam dúvida sobre a ausência de propensão pecaminosa nele.

---

<sup>42</sup> A natureza de Adão antes da entrada do pecado no mundo.

<sup>43</sup> A natureza do homem propensa ao pecado após a entrada do pecado no mundo.

Assim, quanto à natureza humana de Jesus, temos duas exigências bíblicas preenchidas: (1) deveria ser semelhante a nós em tudo enquanto ser humano, mas (2) diferente em não possuir dimensão alguma do pecado. Essa diferença não se refere apenas ao pecado como ato. Diz respeito, especialmente, à condição pecaminosa, a qual se manifesta na propensão para o pecado, que ele nunca possuiu. Somente preenchendo essas duas condições Ele poderia ser nosso Salvador.

### **TABELA COMPARATIVA DA HUMANIDADE DE JESUS E A DA HUMANIDADE APÓS O PECADO**

<b>HUMANIDADE DE JESUS</b>	<b>HUMANIDADE APÓS O PECADO</b>
<b>ORIGEM SOBRENATURAL</b>	<b>ORIGEM NATURAL</b>
1. Não teve pai humano. Mt 1:18	1. Tem pai humano
2. Gerado pelo Espírito Santo. Mt. 1:18,20	2. Gerado pelo ser humano
3. Chamado de "ente Santo" ao nascer. Lc 1:35	3. Nascido pecador. Sl 51:5
4. Veio do céu. I Cor. 15:47; Jo. 1:14	4. Vem da Terra. I Cor. 15:47
<b>NÃO TEM PECADO INERENTE</b>	<b>TEM PECADO INERENTE</b>
5. Carne pecaminosa era apenas semelhança. Rom 8:3	5. Pecado está na própria carne. Rom. 7:14-25; Sal. 51:5
6. Não tinha manchas. Heb. 7:26	6. É como o imundo. Heb. 7:26
7. Não tinha fraquezas Heb. 7:28	7. Tem fraquezas. Heb. 7:28
8. Natureza humana Santa. Heb. 7:26	8. Pecadora. Heb. 7:26
9. Natureza humana Pura. Heb. 7:26	9. Impura.

10. Natureza humana Imaculada. Heb. 7:26	10. Maculada.
11. Nela não existiu pecado. I Jo. 3:5	11. O pecado habita nela. Rom. 7:17, 20, 21
12. Tinha a glória de Deus. Jo. 1:14	12. Destituída da glória de Deus. Rom. 3:23
<b>NÃO COMETE ATOS PECAMINOSOS</b>	<b>COMETE ATOS PECAMINOSOS</b>
13. Não cometeu pecado. I Ped. 2:22	13. Pecou. Rom. 5:12
14. Não experimentou pecado. II Cor 5:21	14. Comete pecado. I Jo. 1:10
<b>NÃO ADMITIU PECADO</b>	<b>NÃO PODE NEGAR O PECADO</b>
15. Não reconheceu pecado em si. Jo. 8:46	15. Não pode negar a ação e condição em pecado I Jo. 1:8, 10
16. Não há registro de ter confessado pecado algum. Sempre agradava a Deus. Jo. 8:29	16. Precisa confessar os pecados. I Jo. 2:1,2
17. O príncipe deste mundo nada tinha nele. Jo. 14:30	17. Governada pelo príncipe do mal. Ef. 2:1-3
<b>SUA SEMELHANÇA COM O PECADOR EXCLUI O PECADO EM TODOS OS NÍVEIS</b>	<b>A SEMELHANÇA DO PECADOR COM JESUS NÃO INCLUI A CONDIÇÃO SEM PECADO DE CRISTO</b>
18. Era semelhante em tudo, mas sem a condição e sem atos pecaminosos. Heb 2:17; I Jo. 3:5; I Ped. 2:22	18. Igual a Jesus em tudo exceto na condição e atos pecaminosos Ecl 7:20; Prov. 20:9; I Jo. 1:8, 10
19. Foi tentado em tudo, mas nunca pecou. Heb. 4:15	19. Não há justo que faça o bem e nunca peque. Ecles. 7:20; Prov. 20:9